

# O PESSIMISMO NA POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS: LEITURA DE ALGUNS POEMAS

## PESSIMISM IN THE POETIC OF AUGUSTO DOS ANJOS: READING OF SOME POEMS

Weslei Chaleghi de Melo **1**  
Marilyn Martens Oliveira **2**  
Lucas dos Santos Lavisio **3**

**Resumo:** Este artigo busca realizar uma análise da presença marcante do pessimismo na poética de Augusto dos Anjos, cuja obra é considerada de difícil classificação no que tange à estética literária. Trata-se de uma investigação bibliográfica, de cunho comparativo. Justifica-se tal eleição temática pela recorrência desse sentimento na obra do autor. Em face disso, surgem as indagações: por que o constante pessimismo em seus escritos? Que possíveis comparações com outros autores podem ser estabelecidas para responder a tal indagação? Refletindo sobre essas inquietações, optou-se pela escolha de três de seus poemas que estão no livro *Eu e outras poesias*. No tratamento interpretativo deles, estarão presentes, entre outros, autores da literatura (Baudelaire), da teoria literária (Candido, Bosi) e da filosofia (Schopenhauer, Heidegger, Nietzsche) que tratam de forma relevante o tema em pauta.

**Palavras-chave:** Pessimismo. Poética. Augusto dos Anjos.

**Abstract:** This article aims to realize an analysis of the striking presence of pessimism in the poetry of Augusto dos Anjos, whose works are difficult to be labeled in reference of the literary aesthetics. It is a bibliographical and comparative investigation. The theme is justified by the return of this feeling in the author's work. Thus, the questions emerge: why the constant pessimism is his writings? Which possible comparisons with other authors could be made to ask this question? Thinking about these concerns, opted for choosing three poems of the book *Eu e outras poesias*. In the interpretative treatment of them, it will be present, among others, literature (Baudelaire), theory of literature (Candido, Bosi) and philosophy (Schopenhauer, Heidegger, Nietzsche) authors that approach the theme in a relevant way.

**Keywords:** Pessimism. Poetry. Augusto dos Anjos.

Doutorando em Letras: Estudos Literários, Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1435734968991252>.  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0503-6729>.  
E-mail: weslei@alunos.utfpr.edu.br

Doutora, com pós-doutorado em Letras. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP - Literatura e vida social). Mestre em Letras (UEL- Literaturas vernáculas). Docente no programa de mestrado profissional Multicampi da UTFPR - (PPGEN).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2237448289578517>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8918-2001>.  
E-mail: yumartens@hotmail.com

Acadêmico de Letras – Português. Universidade Estadual de Londrina.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6792618204023839>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3982-247X>.  
E-mail: lavisio21@outlook.com

## Introdução

Não venho falar de Baudelaire nem da “Charogne”. O Poeta da Morte a que me refiro é bem outro. É um bárbaro. Nascido à sombra dos buritizais da Paraíba e falecido há pouco nas montanhas brumosas de Minas. Falo de Augusto dos Anjos. Era um poeta estranho, *sui generis*, no Brasil (TORRES *apud* ANJOS, 1994, p. 52).

O poeta paraibano Augusto dos Anjos (1884-1914) demonstra, em suas obras, *obsessão pela morte* e são fortes as marcas do *pessimismo* no que escreve. Objetivamos, então, neste trabalho, analisar tais traços em três poemas (corpora) encontrados no livro **Eu e outras poesias** (ANJOS, 1998) – “Súplica num túmulo”, “Versos íntimos” e “Psicologia de um vencido” – que talvez causem certo desconforto no leitor. Tal sentimento, aliado a um grande estranhamento, é provável que motive em especial o leitor-aluno, pois os jovens, talvez em um processo catártico – de purgação de temores e agressividade –, são fãs de filmes sombrios e de narrativas góticas.

Inicialmente, consideraremos a caracterização dos poemas, ou seja, aspectos que serão observados em “Súplica num túmulo” e nos outros dois focalizados, a fim de verificar, em especial, os traços do pessimismo. E aliaremos a conceituação desse sentimento às colocações dos filósofos Arthur Schopenhauer (2014) e Martin Heidegger (1989), e também de Alfredo Bosi (1994). O professor uspiano distancia o poeta brasileiro do cientificismo, como apressadamente se pode concluir, e o aproxima do pessimismo de “Arthur Schopenhauer que identifica na vontade de viver a raiz de todas as dores. Fundem-se visão cósmica e desespero radical produzindo esta poesia violenta e nova na língua portuguesa” (BOSI, 1994, p. 289).

A respeito pronuncia-se Henrique Duarte Neto (2000). Segundo ele, para Schopenhauer, a vontade é a essência do mundo e escraviza o homem. Daí decorre sua dor, seu sofrimento, sua insatisfação. Mas em Augusto dos Anjos, tal essência está na dor, que é perene, ao passo que os seres são transitórios. Assim, este artigo emerge, num primeiro momento, de inquietações e investigações sobre a notável presença do pessimismo nas obras de Augusto dos Anjos.

Desse modo, a metodologia utilizada assume caráter de revisão bibliográfica, analítica, com fundamentação filosófica e literária. Portanto, a preocupação maior girou em torno da seleção de poemas que dialogassem entre si, com foco no recorte temático, de modo a confirmar as inquietações já explicitadas, a respeito de um poeta diferente, surpreendente.

Enfatizamos:

[...] as linhas mestras da fisionomia espiritual desse artista se delineiam para fazer de Augusto dos Anjos membro da inconfundível família de Nietzsche, Poe, Nerval, Baudelaire, Quental, Cruz e Souza, Lautréamont – de vida ciliciada, de angústia selvagem, de arte nutrida de dores, desespero, de solidão e loucura (KOPKE, 1995, p. 150).

## Ausência e pessimismo em “Súplica num túmulo”

Augusto de Carvalho Rodrigues do Anjos, “o poeta da morte”, “o poeta do pessimismo”, é geralmente considerado um pré-modernista (em função do período histórico em que viveu), mas com fortes raízes fincadas no Simbolismo, no Parnasianismo, no Realismo/Naturalismo e até no Expressionismo. Logo, trata-se de um autor de difícil classificação: é moderno e conservador, lírico e trágico, engajado socialmente – ainda que criado sob as asas de valores monárquicos –, pois clama contra a escravidão, a pobreza, o individualismo.

Haja vista, no poema infracitado, o uso da maiúscula alegorizante (**Aurora, Sonho, Destino**) e de recursos fônicos simbolistas, bem como o cuidado com a forma, parnasiano, além

do uso do soneto. Há ainda a transfiguração da realidade, em imagens grotescas e pessimistas, os topos da precariedade da existência que lembram o Expressionismo, e também os versos sinestésicos de Baudelaire que trazem para o palco da poesia o *tedium vitae*, os lúmpens, o pensamento *heroico* (no sentido nietzschiano, de recusa das ilusões românticas e de aceitação daquilo que é inerente à condição humana), a raiva que busca destruir o já destruído, mas que busca salvar pela palavra poética, alegórica (CANTINHO, 2017; BAUDELAIRE, 2019). Assim o poeta é aquele que pode ser o mesmo e ser o outro, que penetra na “floresta de símbolos” das letras e do mundo.

Ressaltamos, na obra augustiana, a recorrência à decomposição da matéria, à companhia dos vermes, à lama, aos vocábulos científicos (Realismo/Naturalismo), assim como a metáforas, prosopopeias, paradoxos e vocábulos inusitados. Do que emana, provavelmente, a adjetivação dedicada a ele: extravagante, grotesco, de mau gosto, mórbido, tuberculoso, filosófico, chocante, pessimista.

O poeta realiza sua lírica ao provocar sentimentos inusitados em quem o lê, e esse é o encanto maior para aquele que não se afasta chocado, inicialmente, dos seus versos. Aos poucos há a sedução, a atração pelo diferente. E para tratarmos de sua poética, que atrai e repele, recorremos a Candido (1996, p. 12), para quem fica patente “a eminência do conceito de poesia, que é tomada como a forma suprema de atividade criadora da palavra, devida a intuições profundas e dando acesso a um mundo de excepcional eficácia expressiva”.

Logo, ao utilizar recursos altamente expressivos, de diversas correntes literárias, Augusto dos Anjos mostra-se “a antena da raça”, como afirmou Pound, sobre quem seria o artista. Sim, o vate brasileiro é alguém *avant la lettre*, renunciando a estética modernista sem abandonar as lições do passado. E será Candido (1996), com sua obra **O estudo analítico do poema**, o subsídio principal ao nosso *olhar literário* voltado à produção poética aqui presente.

“Súplica num túmulo” é um soneto de versos alexandrinos, isométricos, cujas sílabas poéticas tônicas são a sexta e a décima. Sua sonoridade é constituída pelo movimento rimático alternado (ABAB/ABAB/CDC/EDE). E, no título do poema, percebemos a presença semântica de intensidade da ação insistente de um pedido. Ou melhor, mais que um pedido, pois a súplica pode ser lida também como prece, bramido, imprecação e rogativa. Tal súplica consubstancia-se no vocábulo *perdão*, no segundo verso da primeira estrofe, depois inicia, anaforicamente, todos os primeiros versos das outras estrofes, e aparece duas vezes no último terceto. Essa palavra é a chave para a entrada no poema.

Infere-se, pois, que a lírica está bastante ligada ao declínio do homem e à sua dependência afetiva marcada pelo emprego da segunda pessoa, mais intimista, e pelo monólogo-dialógico do eu lírico estabelecido com a suposta amada:

Maria, eis-me a teus pés. Eu venho arrependido,

Implorar-te o **perdão** do imenso crime meu!

Eis-me, pois, a teus pés, perdoa o teu vencido,

Açucena de Deus, lírio morto do Céu!

**Perdão!** E a minha voz estertora um gemido,

E o lábio meu para sempre apartado do teu

Não há de beijar mais o teu lábio querido!

Ah! Quando tu morreste, o meu Sonho morreu!

**Perdão**, pátria da Aurora exilada do Sonho!

– Irei agora, assim, pelo mundo, para onde

Me levar o Destino abatido e tristonho [...]

**Perdão!** E este silêncio e esta tumba que cala!

Insânia, insânia, insânia, ah! Ninguém me responde [...]

**Perdão!** E este sepulcro imenso que não fala!

(ANJOS, 1998, p. 87, grifos nossos).

No primeiro verso, temos a presença do vocativo à falecida Maria, que ressoa o tom patético divisado no título. Em perspectiva semântica, o eu lírico se dirige a uma figura divinizada – Maria do “sepulcro”, mas, igualmente, Maria “do Céu!” – e descreve o adoecimento de sua alma a partir de um arrependimento cuja razão de ser – o vago e “imenso crime” – não é explicitada.

Lembramos que o nome Maria, numa das suas acepções, significa a *pureza*, a *virtude*. E a Maria invocada é a “Açucena de Deus, lírio morto do Céu”. O lírio é associado, pelo senso comum, à inteligência e ao respeito, à candura, assim como a açucena (também conhecida como *bella donna*) está ligada à tristeza, à saudade e à angústia provocadas pela perda de um amor. Inferimos, então, que tais escolhas não foram aleatórias, visto que o poeta paraibano era dotado de cultura enciclopédica. Fica evidente ainda a mescla do sentimento de pureza/santidade com o elemento carnal, o beijo que não mais se repetirá.

De todo modo, é a necessidade do perdão o mote da “Súplica”. Nesse sentido, o indivíduo é alguém que se sente perdido, solitário caminhante em uma estrada de vida marcada pela dor e permeada pela perda, pelo sofrimento, por momentânea felicidade, no que se aproxima do pensamento schopenhaueriano.

O homem é o mais necessitado de todos os seres: não tem mais do que vontade, desejos encarnados, um composto de mil necessidades. Assim vive na terra, abandonado a si próprio, incerto de tudo o que não seja a miséria e a necessidade que o oprime. Por meio das exigências imperiosas, todos os dias renovadas, o cuidado da existência preenche a vida humana. Ao mesmo tempo atormenta-o um segundo instinto, o de perpetuar a sua raça (SCHOPENHAUER, 2014, p. 35).

Logo, ao mencionar o cuidado com a existência, o filósofo alemão manifesta seu pensamento: é a razão que fornece ao homem a certeza atemorizante da morte, e nisso ele distancia-se do animal.

Ainda segundo Duarte Neto (2000), o poeta e o filósofo comungam de pensamentos sobre a *dor*, perene, importante fenômeno constituinte do mundo. E o viver é uma oscilação entre o *sofrimento* e o *tédio*, sendo que aquele é prolongado em função do amor, do sexo, da perpetuação da espécie.

Tal sentimento negativo evidencia-se no clamor do ser solitário, que não obtém qualquer resposta ao seu bramido, e consubstancia-se na interjeição (ah!), que é uma espécie de palavra-frase, de uma sentença:

Perdão! E este silêncio e esta tumba que cala!

Insânia, insânia, insânia, ah! Ninguém me responde [...]

Perdão! E este sepulcro imenso que não fala! (ANJOS, 1998, p. 87).

Há outra interpretação passível de ser evocada, em Martin Heidegger (1989), pois, de acordo com Souza e Boemer (2005), a *solicitude*, conceito que o filósofo utiliza para classificar relações pessoais capazes de atribuir significado à vida - “ser para o outro” e “ser para si” - fazem parte de um mesmo ciclo: viver com o outro e pelo outro é o atribuidor de sentido para a existência.

Dessa forma, no poema em pauta, percebe-se claramente a circunstância pela qual o eu lírico, quando perde esse *outro* ao se qual dedicava, também perde parte de si, aquele(a) que não responde e que habita no silêncio da eternidade.

*Solicitude*, dessa maneira, do ponto de vista heideggeriano, nada mais seria que:

Relacionar-se com alguém, com um outro, de maneira envolvente e significativamente com ele, tendo como pressupostos a consideração e a paciência para com o existir do outro. A *solicitude* ainda se expressaria de duas maneiras: aquela que é caracterizada por um precipitar-se por sobre o outro, fazer tudo por ele, mimá-lo, manipulá-lo ainda que de forma sutil, e aquela que possibilita ao outro assumir seus próprios caminhos, ainda que com o amparo desse alguém que lhe é solícito (SOUZA; BOEMER, 2005, p. 53).

Enquanto para algumas interpretações filosóficas o “inferno são os outros”, a exemplo de Sartre (2000), para Heidegger (*apud* SOUZA; BOEMER, 2005; HEIDEGGER, 1989) a questão se apresenta sob ótica diversa. O *outro*, ao mesmo tempo em que pode expressar conflitos, também pode ser a redenção. E a sua ausência, no caso da morte ou da falta, traz dores inimagináveis, a exemplo do último terceto, isto é, o desespero inconformado do pecador ante a ausência: “Perdão! E este sepulcro imenso que não fala!”. Há o sofrimento do suplicante, tão gigantesco quanto a ausência de Maria e quanto o sepulcro que não fala, que não perdoa.

Augusto dos Anjos ainda se aproxima de Heidegger (1989) quando este postula que o homem vive em função do tempo, do seu passado, pois seu ser caminha para a *morte*. Dessa forma, o indivíduo relaciona-se com o mundo via preocupação, angústia, culpa, conhecimento. Tais sentimentos estão presentes na poética excêntrica do brasileiro e os aproxima daquela que foi chamada por Keats (2001) de “*la belle dame sans merci*” – aquela que não tem piedade –, e que, para Manuel Bandeira, era a “indesejada das gentes”. Assim, a solidão e a morte são as figuras chaves.

O bardo inglês, tuberculoso (como Bandeira), escreveu quando apaixonado por sua vizinha Fanny, uma balada em doze estrofes, com título homônimo ao verso supracitado, que gira em torno da filha de uma fada e seu amado o qual permanece consternado e solitário, sem a “bela dama sem piedade” (POETRY, 2020). O mesmo fim tem o eu lírico que ama Maria: a tristeza, o desespero, a solidão.

Já o brasileiro Bandeira (1987), o poeta da humildade, assombrado pela doença nos pulmões e pela presença da “indesejada”, ao longo dos anos, tematizou-as nos desesperançosos versos da epígrafe, sobre a “vida que poderia ter sido e que não foi” e “a delícia de poder sentir as coisas mais simples” (BANDEIRA, 1987, p.v). Assim também decorreu a existência de Augusto dos Anjos, que se dizia o “cantor da poesia de tudo que é morto”, marcada por triste-

zas e tragédias, que, talvez respondam à nossa indagação sobre o motivo do seu desencanto, do seu pessimismo, da sua *antipoesia*, ainda que a crítica biográfica não seja nossa opção mais relevante.

Bem nascido, pai usineiro, Augusto dos Anjos formou-se em Direito, mas não seguiu a carreira jurídica e dedicou-se à Literatura Brasileira, como professor, em João Pessoa, na Paraíba. Porém ao se desentender com o governador, perdeu o emprego. Após percalços financeiros da família, que vendeu o engenho Pau 'Arco, ele, já casado, transferiu-se para o Rio de Janeiro e acabou desempregado por um tempo. Conseguiu trabalho como professor, em diferentes escolas, sem conseguir se efetivar.

Em 1911 morreu seu primeiro filho e, em 1913, a família mudou-se para Leopoldina, em Minas Gerais, pois ele foi nomeado diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira. No ano seguinte, o poeta morreu, vitimado por pneumonia, após ter publicado apenas um livro, **EU**, em 1912, subsidiado por ele e pelo irmão; e que, acrescido de *Outras Poesias*, constitui a pequena, porém original obra de Augusto dos Anjos (NAZARETH, 2019). A inconstância de sua vida profissional, a morte do filho, a sua própria morte precoce e o seu anonimato em vida parecem traduzir Augusto dos Anjos em solidão e pessimismo.

### Solidão e pessimismo em “Versos íntimos”

Quanto a “Versos Íntimos”, o título indicia subjetivismo, algo relacionado à intimidade de quem vai se expor, talvez, romanticamente. Entretanto o eu lírico expõe sua visão de mundo, melancólica, desencantada, niilista, e aconselha seu interlocutor a não se iludir, a não se envolver, pois quem ama é o mesmo que despreza.

Formalmente, trata-se de um soneto decassílabo que segue o estilo francês, menos harmônico que o italiano. As rimas são interpoladas e externas (ABBA/BAAB/CCD/EED), com incidência de rimas pobres (formidável/inseparável; quimera/pantera) e ricas (espera/fera; chaga/afaga). Nota-se, além disso, a construção da musicalidade por meio de ritmo heroico (tônicas nas posições 6 e 10), na maior parte dos versos, com exceção somente dos versos 2 e 4 da 2ª estrofe, que apresentam ritmo sáfico (tônicas nas posições 4, 6 e 10), além do *enjambement* presente nos versos 1 e 2.

Vês! Ninguém assistiu ao formidável

Enterro de tua última quimera.

Somente a Ingratidão – esta pantera –

Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!

O Homem, que, nesta terra miserável,

Mora, entre feras, sente inevitável

Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!

O beijo, amigo, é a véspera do escarro,

A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,

Apedreja essa mão vil que te afaga,

Escarra nessa boca que te beija!

(ANJOS, 1998, p. 43, grifos nossos).

Observamos proximidade com a estética parnasiana (poema de forma fixa, chave de ouro - mas verso bastante provocador), porém com temática e linguagem caras ao Modernismo (século XX). Portanto, Anjos é um autor que antecipa esse movimento literário. Essa antecipação encontra-se principalmente no não compromisso com o *belo*, no imbricamento de distintas estéticas e suas particularidades, no uso de expressões coloquiais, nada usuais até então no texto poético, caso, por exemplo, de “escarra nessa boca”, “Toma um fósforo. Acende teu cigarro” (RUBERT, 2011).

Do primeiro ao último verso, a carga derrotista se evidencia, manifestada sobretudo como pessimismo antropológico, isto é, uma visão negativa acerca não apenas do sujeito enunciativo, mas da própria humanidade. Nesse sentido, Mano (2006) coloca:

Avesso ao ideal de “ordem e progresso”, de otimismo e glória, o poeta do hediondo desnuda um **denso negativismo** diante do homem, da matéria, do orgânico em geral, através de uma linguagem dessacralizante. Ele lança de modo revolucionário seu olhar pessimista, vislumbrando a cidade noturna e, em meio a cemitérios, becos e prostíbulos, vai escancarando o lado obscuro, as sujeiras e podridões (MANO, 2006, p. 98, grifo nosso).

Nota-se também, além do negativismo do homem, o negativismo orgânico presente em determinadas imagens usadas pelo poeta, como a “lama” e a “terra miserável”. O eu lírico inicia a primeira estrofe com o verbo “ver” no presente do indicativo e na 2ª pessoa do singular, seguido pelo ponto de exclamação. Essa conjugação verbal passa ao leitor a ideia de diálogo direto entre ele e o emissor e também certa intimidade, de caráter confessional. O ponto de exclamação (que se repete em todas as estrofes seguintes), por sua vez, enfatiza os sentimentos de cólera, dor e desgosto que sustentam o discurso (CEGALLA, 2008, p. 432).

Logo em seguida, é utilizado o pronome indefinido “ninguém”, a fim de retratar a indiferença ante “o enterro de tua última quimera” e, assim, a solidão efetiva do indivíduo. O eu lírico ressalta então a palavra “Ingratidão” (novamente a maiúscula alegorizante simbolista), e caracteriza-a como uma “pantera”, isto é, predador, animal selvagem e violento que foi “a tua companheira inseparável”: como a se referir ao inevitável destino de cada ser humano entre seus iguais. E no fim, o que haverá? A lama, a sujeira.

Na estrofe seguinte, o eu lírico utiliza o imperativo do verbo “acostumar” para aconselhar o interlocutor a aceitar a condição repugnante e desprezível da vida, por meio da imagem da “lama”, representante da degradação e da involução, em oposição à água, símbolo da pureza original (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988, p. 534). E, outra vez, aparece o ponto de exclamação, a fim de agregar um tom ainda mais agressivo e violento, indignado, quanto ao dito. Posteriormente, há a caracterização da “terra” pelo adjetivo “miserável”, que reitera uma vez mais a raiva, o nojo e o desprezo pela realidade terrena que cerca os interlocutores.

O eu lírico demonstra uma visão negativa da realidade ao dizer que o homem, entre seres selvagens, também precisa ser um igual para sobreviver. Pode-se comparar essa noção com a célebre frase atribuída a Thomas Hobbes (2002, p. 3), “o homem é o lobo do próprio homem”.

Ainda em torno desse axioma, podemos entender que o ser humano, em sua condição de fera que “engole” seu igual, na concepção de Augusto dos Anjos suplanta as noções de bem e mal, injustiça e justiça, e vive de acordo com suas próprias vontades e interesses. O autor realiza, portanto, uma leitura do mundo que o cerca: o lucro supera a generosidade; a exploração do homem (escravidão) e a desigualdade social. Em suma: o mundo é dos fortes e retrata a capacidade destruidora do homem, que deseja seu bem-estar e não o coletivo, usurpando e matando, quando acha necessário. Mas isso o leva à barbárie, à destruição.

Em meio à guerra (homens X homens) há uma consequência natural: não há nada que possa ser classificado como injusto. As próprias referências de bem e mal, de justiça e injustiça, não possuem definição objetiva. Em um cenário não dotado de poder comum, não existe lei, logo, não existe também injustiça. Na guerra, a força e a fraude são as duas virtudes fundamentais.

No primeiro dos tercetos, Augusto dos Anjos quebra a sequência do pensamento ao introduzir um verso imperativo e, aparentemente, fora do contexto (“Toma um fósforo. Acende teu cigarro!”), recurso contemporâneo, que lembra o teatro épico de Brecht e o efeito de distanciamento, que provoca o estranhamento, a quebra da ilusão, o reconhecimento da realidade (ROSENFELD, 1985).

Recorre então ao uso de noções opostas como beijo/escarro e o ato de afagar/apedrejar, que demonstram, novamente, o pessimismo do eu lírico, mesmo ante expressões de afeto. No último terceto, por sua vez, o autor utiliza-se da “chave de ouro”, isto é, um “final perfeito”, que conclui o poema, marca típica do Parnasianismo, que ele dessacraliza ironicamente - “Escarra nessa boca que te beija!”

Vale notar o uso do vocativo (amigo), como se alertasse, em tom de conselho, aquele com quem fala. Retoma o terceiro verso do primeiro terceto, ao repeti-lo no segundo verso do segundo terceto. Enfim, reforça o raciocínio anterior de que mesmo os gestos de afeto apenas mascaram a traição e a indiferença que logo mais estarão presentes nas relações entre os seres. E no fim, o que resta é a solidão.

Parecemos carneiros a brincar sobre a relva, enquanto o açougueiro já está a escolher um ou outro com os olhos, pois em nossos bons tempos não sabemos que infelicidade justamente o destino nos prepara – doença, perseguição, empobrecimento, mutilação, cegueira, loucura, morte etc. (SCHOPENHAUER, 1980, p. 217).

Em suma, a vida não nos dá avisos prévios, as chagas, o sofrimento, a dor e a traição, sintetizadas em “O beijo, amigo, é a véspera do escarro/A mão que afaga é a mesma que apedreja”, são ironias mórbidas da vida das quais o eu lírico parece já conhecedor profundo, dado o tom de conselheiro em que é empregado no poema.

### **Decomposição e pessimismo em “Psicologia de um vencido”**

Focamos outro soneto, “Psicologia de um vencido”, que, formalmente, é constituído por versos decassílabos, com esquema fixo de rimas (ABBA/ABBA/CCD/EED), na maioria pobres, e uma preciosa no último terceto: roê-los/cabelos. Quanto ao ritmo, predomina o heroico (tônicas obrigatoriamente nas posições 6 e 10). Relevante é verificarmos a elaboração estilística do poema, com vocábulos eruditos (rutilância, hipocondríaco, análoga), científicos (amoníaco, inorgânica, epigênese), figuras inusitadas (Eu [...] Monstro de escuridão e rutilância; o verme – esse operário das ruínas). E com apenas duas palavras - “Profundissimamente hipocondríaco” - o autor constrói um verso decassílabo e exacerba a hipocondria com o emprego de “profundissimamente”, advérbio derivado da forma adjetiva “profundíssima”, flexionada no grau superlativo.

E neste soneto percebe-se, de forma expressiva, a influência de Charles Baudelaire, o “poeta maldito”, que via a beleza nas “flores no mal”, sobre o brasileiro, o “poeta das muitas

faces”, pois, segundo Bosi (1994, p. 46), os dois “cantam a miséria da carne em putrefação”, e o brasileiro seria o “espectador em agonia”, que observa a destruição implacável simbolizada pelo verme. Na perspectiva nietzschiana, também presente, “Quem luta com monstros deve tomar cuidado para não se tornar um monstro. E se olhas demoradamente um abismo, o abismo olha para dentro de ti” (NIETZSCHE, 2012, p. 103).

Eu, filho do carbono e do amoníaco,  
  
Monstro de escuridão e rutilância,  
  
Sofro, desde a epigênese da infância,  
  
A influência má dos signos do zodíaco.  
  
Profundissimamente hipocondríaco,  
  
Este ambiente me causa repugnância [...]  
  
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia  
  
Que se escapa da boca de um cardíaco.  
  
Já o verme – esse operário das ruínas –  
  
Que o sangue podre das carnificinas  
  
Come, e à vida em geral declara guerra,  
  
Anda a espreitar meus olhos para roê-los,  
  
E há de deixar-me apenas os cabelos,  
  
Na frialdade inorgânica da terra!

(ANJOS, 1998, p. 5).

Diferentemente dos outros sonetos analisados, neste não há interlocutor. O eu lírico manifesta-se subjetivamente, mostra quem é, já no primeiro verso: “Eu, filho do carbono e do amoníaco”. Para melhor entendermos esse verso, voltemo-nos para Garcia (2009):

Interior da Paraíba, 20 de abril de 1884. Mais exatamente às margens do Rio Una, perto da Vila do Espírito Santo, num engenho daqueles ainda de —fogo morto||, em uma época em que os produtores de açúcar veriam, como um tufão, mudanças radicais que levariam suas propriedades, seu dinheiro, o trabalho de toda uma vida, o fim da escravidão, a proclamação da República e o maior inimigo chegaria em meio a todas essas revoluções: o engenho tocado a vapor, inaugurando, no mercado açucareiro, a era dos usineiros. Nasceu ali Augusto dos Anjos (GARCIA, 2009, p. 43).

Ainda em Garcia (2009), encontramos, no verso já destacado, uma significação: o “eu” inclui-se dentre os fracassados, os perdedores, e é desse meio que ele fala. No verso que se segue, o eu lírico se caracteriza como “Monstro de escuridão e rutilância”, num paradoxo que remonta novamente a Baudelaire (2019) e à modernidade na poesia e, nesse sentido, Augusto dos Anjos é um dos responsáveis por operar renovação na linguagem poética brasileira, visto que essa já não era mais capaz de representar o novo mundo que surgira.

Apesar de se autodepreciar e se igualar ao resto da humanidade, ao se reconhecer como um “monstro”, o sujeito lírico, de certa forma, sente-se superior em relação aos seus pares. Isso porque “tem consciência da podridão do mundo” no qual está inserido e o rejeita. Dessa forma, mantém-se, a um tempo, ao lado dos perdedores e dos fracassados, dos impotentes, mas também como denunciador e julgador. Não é ingênuo, no tocante ao “verme”, à vida e à morte.

Noutras palavras: o indivíduo padece de um sentimento dual: a dor de ser um monstro, como todos os demais humanos e a consciência de sua anomalia e incapacidade de agir contra a sua própria natureza. Fala-se em natureza, pois, como menciona o eu lírico, “Sofro, desde a epigênese da infância,/ A influência má dos signos do zodíaco”, isto é, o ser humano, desde o início de sua formação, já é um animal doente, noção reiterada pela utilização de expressões de caráter médico como: “hipocondríaco” e “cardíaco”, como assinalam as mesmas pesquisadoras.

Bastante interessante é a duplicidade do eu lírico: prende-se à fisiologia, à ciência, entretanto denota uma faceta mística quando afirma sofrer, “desde a epigênese da infância,/ A influência má dos signos do zodíaco” (grifo nosso). Portanto, o homem é fruto do determinismo, conceito filosófico apregoado de que tudo acontece no presente por causas anteriores, que determinam seus efeitos, e não em função do livre-arbítrio.

Ainda em Micheletti e Ignez (2014), o termo “cardíaco” carrega forte simbolismo, pois é, em geral, associado ao coração, visto como guarida dos sentimentos, especialmente o amor, contudo, no caso do coração do “eu” destacado no poema, deduz-se que ele traz consigo apenas sentimentos ruins, baixos, que contribuem para o seu adoecimento. Desse modo, sugere-se o sofrimento do homem por causa de várias doenças morais.

É possível também entender as referidas “doenças morais” a partir da obra de Nietzsche (*apud* SIQUEIRA, 2014), pois, para o filósofo alemão, o homem é um animal doente, dado que é não estável. É o mais flexível, mais mutável e mais inseguro de todos, presente na terra para disputar todos os espaços com a natureza. Ele está, por conseguinte, sempre insaciado e precisa de mais e mais para viver sua vida. Um animal como este, pondera-se, não pode ser sadio, sua vida é uma disfunção, é sofrimento e dor.

E retomando o poema, no primeiro dos tercetos, o eu-lírico apresenta a figura do “verme” caracterizado como “operário das ruínas”, ou seja, é o trabalhador responsável por produzir a derrocada humana e devorar os restos da matéria já morta. Alimenta-se do “sangue podre das carnificinas”, por isso a afirmativa de que esse verme “à vida em geral declara guerra”. E aqui há a aproximação com a poética de Baudelaire (2019).

No terceto final, segundo Micheletti e Ignez (2014), o homem fecha seus olhos para a vida e o mundo (“Anda a espreitar meus olhos para roê-los”) e o poema é concluído com a sensação de desespero, que é compartilhada pelo leitor, e já anunciada pelo título: “Psicologia de um vencido”.

## Considerações Finais

A partir da análise dos três poemas destacados, verifica-se a constante insatisfação do eu lírico quanto à sua realidade terrena, inconformado com a morte que o espreita, personificada na figura do verme, que “Anda a espreitar meus olhos para roê-los” (ANJOS, 1998, p. 5), mas, ao mesmo tempo, incapaz de se voltar contra ela. O homem nasce já fadado ao sofrimento, marcado em “Psicologia de um vencido”, pelos signos zodiacais que parecem exercer certo determinismo, ao pensar em uma interlocução com a estética naturalista, acerca do homem.

E o eu lírico, consciente do seu destino irremediável, observa atentamente o processo de ruína que é infligido a todos, inclusive a ele próprio. Em “Súplica num Túmulo”, lamenta a

partida de Maria e sofre diante da impossibilidade de encontrá-la, devido ao fim de sua existência material ocasionada pela morte. Assim, esvai-se seu Sonho.

Também em “Psicologia de um Vencido”, o eu lírico observa, agonizado e sem forças, derrotado, a morte que o espreita, representada pela figura do verme, que espera pacientemente para roer-lhe os olhos, ou seja, metaforicamente, fechar seus olhos para a vida e o mundo.

E em “Versos íntimos”, seu interlocutor deve acostumar-se à lama (a morte?) que o aguarda, observado pela Ingratidão/Pantera diante de seu último sonho a ser sepultado, ele totalmente só. Parece haver a aceitação da ruína e do fim. O eu lírico, já conformado, parece tentar mostrar ao outro aquilo que o espera: não só a morte do corpo, como também dos sonhos, vontades, desejos.

Há, portanto, nos poemas referidos, a reiteração da derrocada da vida, da morte do sonho/quimera, da solidão, do verme atento a vigiar para colocar um fim a tudo. É a passagem do orgânico (a vida) para o inorgânico (a morte); do material para o imaterial. Fica evidenciada a incapacidade do ser humano em lidar com o fim, com seus sentimentos e reações.

A finitude da existência é retratada como a principal antagonista da vida humana, o que gera insatisfação sufocante, marcada pela negação de qualquer valor transcendental. Em suma, desesperança, repulsa, angústia existencial diante da precariedade da existência, pessimismo schopenhaueriano, olhar sobre a cidade e a fragmentação das relações entre seus moradores (à moda de Baudelaire) estão presentes nos versos do Poeta da Morte, que parece nos alertar sobre a decadência que nos aguarda. Vida crepuscular, marcada por moléstias do corpo (“doenças”, “mutilação”, “cegueira”), da mente (“loucura”), da vida em sociedade (“perseguição, empobrecimento”) ou de qualquer outro elemento que puder nos afligir. Em seus versos, vale lembrar, o esgarço vem após o beijo e o afago é seguido do apedrejamento. Logo, é o absurdo da existência que se presentifica, com a preponderância do egoísmo, da falta de amor e de generosidade.

Constata-se então que os motes do pessimismo e do sofrimento/dor são características marcantes na obra do paraibano, principalmente quando traçamos um paralelo entre suas produções poéticas e aferimos sua semântica, caracterizada por abarcar a presença alegórica e constante desses sentimentos. Visto como excêntrico em sua poética, ele utiliza vocabulário cemiterial, dissonâncias no ritmo e na estruturação das estrofes, figuras inusitadas, linguagem que mescla o coloquial com o erudito/científico, o prosaico com o sublime. Logo, abundância de estilos, de estéticas e de filosofias.

Face ao exposto neste artigo, a poesia de Augusto dos Anjos assume o viés de decifração existencial em relação a um mundo e a um homem que se mostram fragmentários, na passagem do século XIX para o século XX. E recorreremos a Baudelaire (2019), para lembrar que a literatura está em correspondência com o homem e os problemas sociais, contraditórios, no seu entorno. A beleza está, pois, também no feio, no grotesco, nas “vidas paralelas”, pois, como Candido (1988) asseverou, a literatura (aqui a poesia) está a serviço da humanização do homem. É a transformação da dor em beleza, ainda que uma beleza diferente, estranha, que impregna os versos de Augusto dos Anjos, poeta “antenado” com o seu tempo.

## Referências

ANJOS, A. dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**: poesias reunidas e poemas traduzidos. 14ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

BAUDELAIRE, C. **As flores do mal**. 1. ed. Trad. Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1988. p. 171-193.

CANTINHO, M. J. Charles Baudelaire: o esgrimista da modernidade. In: **Caliban**. Sep 6, 2017. Disponível em <https://revistacaliban.net/charles-baudelaire-o-esgrimista-da-modernidade-4a22a92e4d00>. Acesso em 20 fev. 2019.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 24. ed. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melin, Lúcia Melin. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

DUARTE NETO, H. **As cosmovisões pessimistas de Schopenhauer e Augusto dos Anjos**. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós- Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GARCIA, M. O. **O lamento dos oprimidos em Augusto dos Anjos**. 2009. 366 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270223>. Acesso em: 22 abril. 2020.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1989.

HOBBS, T. **Do cidadão**. 3. ed. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KEATS, J. **Complete poems and selected letters of John Keats**. Notas de: Tim Pollock. Nova Iorque: Modern Library, 2001.

KOPKE, C. B. Augusto dos Anjos – um poeta e sua identidade. In: ANJOS, Augusto dos. **Augusto dos Anjos – Obra completa**. Organização Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 150-160.

MICHELETTI, G.; IGNEZ, A. F. Augusto dos Anjos: um Eu em conflito. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 21, nº 35, p. 47-67, jun. 2014.

NAZARETH, D. C. Augusto dos Anjos: um olhar sobre a primeira recepção de sua obra. In: **Navegações**. PUCRS. v. 12, n. 1, p. 112-121, jan.-jun. 2018. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/32270/18506>. Acesso em 10 maio 2020.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

POETRY Foundation. **La Belle Dame sans merci**: uma balada. Disponível em <https://www.poetryfoundation.org/poems/44475/la-belle-dame-sans-merci-a-ballad>. Acesso em 10 maio 2020.

ROSENFELD, A. **O teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

RUBERT, N. M. A. “O lugar de Augusto dos Anjos na poesia brasileira”. In: **Revista Literatura em Debate**. Porto Alegre, v. 5, nº 9, p. 143-154, dez. 2011.

SARTRE, J-P. **Huis clois**. Paris, Gallimard, 2000.

SCHOPENHAUER, A. **As dores do mundo**. Trad. José Souza de Oliveira. São Paulo: Edipro, 2014.

SIQUEIRA, V. Homem enquanto animal doente. *In: Colunas tortas*, 2014. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/homem-enquanto-animal-doente/>. Acesso em: 28 jan. 2019.

SOUZA, Luciana G. A. de; BOEMER, M. R. O cuidar em situação de morte: algumas reflexões. *In: Revista da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, v. 1, nº 38, p. 49-54, 2005. Disponível em: [http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/7\\_o\\_cuidar\\_situacao\\_morte.pdf](http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/7_o_cuidar_situacao_morte.pdf). Acesso em: 29 fev. 2020.

Recebido em 24 de abril de 2020  
Aceito em 19 de março de 2021